

Michel Pêcheux e Michel Foucault: diálogos necessariamente intranquilos entre dois pensamentos inquietos

Maria do Rosário Valencise GREGOLIN

UNESP-Araraquara

As apresentações de Freda Indursky e Pedro de Souza ressaltam a importância de *Remontemos de Foucault a Spinoza*, texto de Pêcheux apresentado, em 1977, no México, em um congresso cujo tema era “O discurso político: teoria e análises”.

Remontemos de Foucault a Spinoza exhibe os contornos de um momento **teórico e político** de tensão, e Michel Pêcheux trata desses dois temas que o fascinavam. Ele, que nunca separou teoria e política, ao falar, faz uma intervenção tanto na teoria quanto na política. Os alvos de Pêcheux, naquele congresso em que se discutiam a crise da esquerda e os (des)caminhos da política, eram as “filosofias espontâneas da Lingüística”, aquilo que ele ataca em outros textos¹ como as correntes do “logicismo”, do “sociologismo” e dos “riscos da fala” que, no interior da Lingüística, negavam ou denegavam a política. Uma posição muito forte era sustentada por Pêcheux: “não se pode fazer teoria sem tomar, simultaneamente, posição na luta de classes”. Essa tomada de posição explícita, contundentemente, a relação velada e contraditória que certas teorias da linguagem estabelecem com a história e, conseqüentemente, com a política. E essas correntes estavam representadas nesse colóquio do México, principalmente figuras do “sociologismo”, como Marcellesi, que pensavam a análise do discurso dentro da sócio-lingüística².

¹ Pêcheux retorna insistentemente sobre esse tema em vários textos, como, por exemplo, com F. Gadet, em “Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo? ”; “Os contextos epistemológicos da Análise do Discurso” e, ainda, em “A desconstrução das teorias lingüísticas”.

² Segundo Malidier (1990), as atas do Simpósio do México dão uma idéia da polêmica. Encontra-se nela a comunicação de Marcellesi (“ A contribuição da sociolinguística ao estudo do discurso político”) e seu texto de resposta a Michel Pêcheux - “Análise do discurso na França: oposições ou contradições?”.

Esses interlocutores fazem com que este seja, portanto, um texto determinado historicamente, que deve ser lido pela lente das injunções históricas da época: Pêcheux, um marxista althusseriano, aproxima-se de Spinoza para criticar (politicamente) Foucault, um “marxista paralelo”. A relação – teórica e política – entre Michel Pêcheux e Michel Foucault nunca foi tranqüila: havia, entre eles, enormes diferenças na leitura da obra de Marx. Naquele momento, em especial, com a publicação de *Vigiar e Punir*, havia, ainda, as críticas feitas por Foucault a Althusser.

Com esse pano de fundo, Pêcheux identifica Foucault com a corrente “historicista” ou “reformista” e, através de citações paralelas, compara sua prática teórica e política com aquela desenvolvida por Spinoza. Assim, esse momento de crítica a Foucault precisa ser interpretado dentro do amplo movimento de refacções operadas por Pêcheux no edifício teórico da Análise do Discurso. Trata-se de um dos momentos em que os pensamentos inquietos desses dois pensadores entraram em conflito, espécie de ensaio para que Pêcheux, que pensava a teoria e a política a partir de fundações flexíveis, a partir de 1980, se encontrasse com as problemáticas abertas pela obra foucaultiana. A exposição dos painelistas apontam elementos essenciais para compreendermos os diálogos entre Pêcheux e Foucault.

Devido à exigüidade do tempo, vou-me deter rapidamente na contribuição teórica de *Remontemos* para a prática teórica e política da Análise do Discurso. O ponto teórico central de *Remontemos* é, exatamente, a colocação em discussão da categoria da **contradição**. Comparando Spinoza (*Tratado das autoridades teológicas e políticas*) e Foucault (*A Arqueologia do Saber*), Pêcheux quer mostrar duas maneiras de fazer política, porque isso “toca diretamente no destino teórico daquilo que se denomina hoje como ‘o discurso’, pela relação ambígua que se entrelaça, nesse objeto, entre o político e o universitário”. Ao fazer uma leitura que coloca em paralelo citações dos dois autores, Pêcheux mostra que eles coincidem - a despeito das diferenças ditadas pelas “aderências” temporais - em muitos pontos, no que diz respeito à visão teórica sobre o funcionamento dos enunciados. Já em relação ao político, eles têm uma diferença prática, pois se encontra, em

Spinoza, uma elaboração da contradição inerente à luta ideológica que ele trava com a religião; já Foucault, colocando-se “à distância” da luta política³, constrói um “marxismo paralelo” que o leva a denegar a luta de classes e, conseqüentemente, a colocar-se, politicamente, no interior do **reformismo**⁴.

Pêcheux está dialogando ferozmente com o que ele considera “duas práticas políticas”. E é do interior do marxismo, via Althusser, que ele abre novas problemáticas para a teoria do discurso, na reflexão sobre a categoria da “contradição”. Retrabalhando as idéias formuladas por Althusser nos *Elementos de autocrítica*, Pêcheux mostra a “lição de materialismo” dada por Spinoza quando este analisa a interpretação dos textos sagrados realizada pelo aparelho religioso e desfere “o primeiro ataque conseqüente contra a ideologia religiosa”. Esse ataque, realizado do interior mesmo do discurso religioso, mostra que uma ideologia (e o discurso que a realiza) “não pode, de maneira nenhuma, ser compreendida como um bloco homogêneo, idêntico a si mesmo, com seu núcleo, sua essência, sua forma típica”. Está aí, em seu desenvolvimento orgânico, o tema da “heterogeneidade”⁵, que permite retomar, marcar um uso diferente do conceito foucaultiano de “formação discursiva”. Pêcheux reconhece o “imenso interesse do trabalho de Foucault”, colocando-o a par com Spinoza em sua forma de proceder diante dos textos, na abordagem do discurso, da identidade e da divisão do sentido no interior de uma FD. A “retificação”, proposta por Pêcheux, do conceito de FD, incorpora categorias marxistas que estão ausentes da proposta foucaultiana, principalmente a idéia de “luta de classes” e de “ideologia”.

³ Nas palavras de Pêcheux, enquanto Spinoza terminou proscrito, banido de sua comunidade, Foucault “dá prosseguimento à sua carreira no Collège de France, em Paris.”

⁴ E aqui é preciso explicitar que, ao criticar politicamente Foucault, Pêcheux não está partindo da leitura de *A Arqueologia do Saber*, mas de uma entrevista dada por Foucault após a publicação de *Vigiar e Punir* (1975), na qual ele critica o regime stalinista como um dispositivo de normalização e, portanto, de poder disciplinar. Essa entrevista está traduzida em FOUCAULT, M. Os intelectuais e o Poder. In: *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Coleção Ditos & Escritos IV).

⁵ Em textos anteriores – como em dois textos de 1975: os “Apontamentos”, escrito com C. Fuchs e publicado no número 37 de *Langages* e em *Semântica e Discurso* - Pêcheux já esboçara a natureza plural da ideologia, ao desenvolver a idéia de que as formações ideológicas, assim como as formações discursivas que lhes estão ligadas, possuem, ao mesmo tempo, um “caráter regional” e um “caráter de classe”. O primeiro traço designa a evidência do domínio de especialização (o Direito, a Moral, o Conhecimento, etc.) e o segundo remete às posições dentro das relações de produção. Assim se explica, sob a célebre fórmula, que *as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam*, de uma formação discursiva a outra.

Pêcheux reinterpreta o conceito foucaultiano de FD pela lente do marxismo-leninismo, restaurando esses conceitos centrais da obra de Marx⁶.

Essa releitura do conceito foucaultiano de FD tem efeitos teóricos e políticos. Politicamente, trata-se de uma forma de resistência contra a crise do marxismo, por meio da qual Pêcheux reafirma sua vinculação ao Partido e às teses do marxismo-leninismo. Teoricamente, essa reinterpretação leva a uma nova visão sobre o relacionamento entre o discurso e a ideologia pois, ao retrabalhar o conceito de FD, Pêcheux propõe que ela não é um “bloco homogêneo”, que é “dividida”, não idêntica a si mesma. Essa conclusão leva a uma nova forma de enxergar a relação entre as ideologias dominante e dominada. Não se trata mais de vê-las em relação de exterioridade, mas de enfrentar a leitura, *no interior mesmo* do discurso da ideologia dominada, *na maneira mesmo em que ela se organiza*, a dominação da ideologia dominante. Do mesmo modo, a ideologia, vista como a “contradição de dois mundos em um só”, dividida, evidencia a **pluralidade** no interior dos aparelhos ideológicos. Assim, pode-se enxergar, nesse texto de Pêcheux, uma maneira nova de pensar a relação do sujeito com a língua e a ideologia que o constitui. E essa nova maneira de pensar abre várias reorientações para a Análise do Discurso.

Em primeiro lugar, ela afeta a própria **prática** da análise do discurso. Tendo como ponto teórico central a idéia de que “uma ideologia não é idêntica a si mesma, ela não existe a não ser sob a modalidade da divisão, ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários”, transforma-se o conceito de FD. Essa transformação afeta a prática da análise do discurso, na medida em que leva a definir as relações que uma FD estabelece com seu exterior discursivo, determinando as invasões, os atravessamentos, a pluralidade contraditória que a constituem.

Outra perspectiva aberta pela discussão da categoria da contradição diz respeito ao *corpus* da Análise do Discurso. Ao reequacionar a relação entre as

⁶ Foucault não opera com a idéia de “luta de classes” pois propõe a existência de uma “microfísica do poder” e, nesse sentido, para ele, a sociedade está envolvida em micro-lutas cotidianas. As dinâmicas do poder e da resistência são, para Foucault, nessa topografia social, muito mais complexas do que aquelas desenvolvidas no interior de grupos ou classes sociais.

ideologias dominante e dominada, Pêcheux é levado em direção àquilo que denominará, em *Discurso, estrutura ou acontecimento*, de “escuta das circulações ordinárias do sentido”, à escuta teórico-política da fala dos dominados. E aí, mais do que nunca, podemos ver que teoria e prática política não se desvinculam na obra de Pêcheux e que a AD pode e deve ser um instrumento de intervenção, isto é, de *responsabilidade*.